

O SENSACIONALISMO NA COBERTURA DO MASSACRE DE SAUDADES EM DUAS REPORTAGENS SOBRE O CASO¹

Bruno Pedroso da Rosa²

Resumo

A presente pesquisa propõe-se a analisar os aspectos de sensacionalismo e a espetacularização da notícia presentes na cobertura do ataque em Saudades – SC, a partir de duas reportagens que foram ao ar nos programas SBT Brasil do SBT e Jornal Nacional da Rede Globo. Para entender acontecimento jornalístico, foram utilizados conceitos de Berger e Tavares (2009) e Rodrigues (1993), para a definição de sensacionalismo, Angrimani (1995) e Pedroso (2001), ao conceituar a espetacularização, Guy Debord (1997), além de Rezende (2000), Curado (2002) e Souza (2004) para definição de telejornalismo. A metodologia baseia-se na análise de conteúdo, à luz da proposta metodológica de Herscovitz (2010), realizada de maneira quanti-qualitativa. Como resultado, conclui-se que mesmo reportagens não-sensacionalista podem conter aspectos de sensacionalismo em sua concepção, de modo que ao relacionar a espetacularização da notícia se confirma a intenção de fazer com que o espectador se torne parte da história dos personagens e sinta as emoções através de um processo de sedução.

Palavras-chave: Acontecimento jornalístico. Telejornalismo. Reportagem. Sensacionalismo. Sociedade do Espetáculo.

Introdução

A televisão é um dos principais meios de acesso à informação para as pessoas. Situações que fogem do cotidiano comum da população se tornam pauta e ganham destaque nas redações. Casos de violências são destaque nas coberturas jornalísticas, principalmente quando ocorrem por exemplo em uma escola, ambiente de aprendizagem considerado seguro pela população.

Na cobertura de violências, o jornalismo policial é a editoria que mais se faz presente, junto a ela surge também o fazer sensacionalista, prática utilizada em um jornalismo mais intenso e que busca através daquilo que é exposto, seja por imagens, texto ou comentários, mexer com o emocional de quem consome o conteúdo.

Este trabalho busca analisar quais aspectos sensacionalistas, a luz dos conceitos de Pedroso (2001) e Angrimani (1995), e a espetacularização da notícia, conceito de Guy Debord (1967) estão presentes na cobertura que foi ao ar nos programas SBT Brasil do Sistema Brasileiro de Televisão e do Jornal Nacional da Rede Globo, sobre o ataque à creche pró-

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação da prof. Me. Nadja Hartmann

² Graduando em Jornalismo pela Universidade de Passo Fundo. E-mail: 174285@upf.br

infância Aquarela, no dia quatro de maio de 2021, no município de Saudades, com aproximadamente 10 mil habitantes, situado em Santa Catarina. O presente estudo se faz necessário para discutir o sensacionalismo presente na cobertura realizada pelas emissoras em casos como esse, no dia do acontecimento, junto ao interesse de compreender a construção do sensacionalismo e a espetacularização da notícia em telejornais que não são considerados sensacionalistas.

A fim de entender os conceitos de sensacionalismo e sociedade do espetáculo nos diferentes tipos de mídia, a pesquisa tem como base teórica Angrimani (1995), Pedroso (2001) e Debord (1997). Além de trazer outros autores que ajudam na definição de conceitos como acontecimento jornalístico e telejornalismo. Na análise, foi utilizado como método a Análise de Conteúdo em Jornalismo, proposta por Herscovitz (2010), que através das classificações propostas possibilitam identificar os aspectos de sensacionalismo presentes no material analisado.

Como objeto de análise, a pesquisa irá se debruçar em duas reportagens de televisão, publicadas no dia quatro de maio de 2021, quando ocorreu a chacina na creche, em Saudades, veiculadas por telejornais de horário nobre da televisão brasileira: o Jornal Nacional, da TV Globo e o SBT Brasil do Sistema Brasileiro de Televisão – SBT.

O artigo é dividido em três partes: na primeira serão abordados os conceitos dos principais teóricos a respeito dos temas que motivam o estudo: Sensacionalismo, Sociedade do Espetáculo, Cobertura e Acontecimento Jornalístico e Jornalismo Policial. Na segunda será feita a análise da amostragem apresentada acima; após, a apresentação das conclusões do presente estudo.

1 Acontecimento no jornalismo

O jornalismo é sustentado através do acontecimento, um depende do outro de forma intrínseca. Rodrigues (1993, p.29), aponta que pode ser considerado acontecimento uma situação inédita que não pertence a rotina, algo extraordinário. “O acontecimento é imprevisível, irrompe acidentalmente à superfície dos corpos como reflexo inesperado, como efeito sem causa, como puro atributo”.

Rebello (2006, p. 17), aponta que nem todas as ocorrências são acontecimentos. Conforme o autor uma ocorrência se torna acontecimento quando há: potencial de atualidade; quando o fato se produz no nosso espaço e no nosso tempo; relevância, quando provoca uma

ruptura no nosso quadro de vida; *pregnância*, quando nos incita a reconstruir esse nosso quadro de vida momentaneamente perturbado pela ocorrência inesperada.

Berger e Tavares (2009) partem da ideia de que existem pelo menos dois tipos de acontecimentos: o acontecimento vivido no cotidiano, e o acontecimento jornalístico e estes podem se desdobrar em diversos outros.

O primeiro, pensado pela História, a Filosofia e as Ciências Humanas em geral, tem sido objeto de estudo e investigação, tangenciando reflexões que perpassam uma relação com o tempo, objetivo e/ou (inter)subjetivo. Diz respeito à emergência e as afetações do acontecimento na realidade tangível e em suas reverberações cognitivas. Já o segundo, localiza-se principalmente nas reflexões dos estudos de jornalismo, ou em textos que tomam o acontecer, em sua representação midiática, como objeto. E diz respeito à construção do acontecimento em forma de notícia ou das linguagens jornalísticas que constroem o acontecimento (BERGER; TAVARES, 2009, p. 2,3).

Rodrigues apresenta três pontos que podem contribuir para a compreensão de acontecimento jornalístico. O primeiro está relacionado ao excesso, visto como emergência escandalosa que foge do normal (RODRIGUES, 1993). O segundo, o ponto da falha, exemplificado como queda repentina e imprevisível dos valores da bolsa. Já o terceiro, o ponto da inversão, quando foge dos padrões reais, por exemplo um homem morder um cachorro. (RODRIGUES, 1993, p. 28).

Junto a isso, surge então a possibilidade de que o fato só se torna acontecimento a partir da representação, como afirma Maurice Mouillaud:

o ‘fato’ e o ‘acontecimento’ não têm o mesmo status. O ‘fato’ é o paradigma universal que permite descrever os acontecimentos, uma regra da descrição dos mesmos (a codificação de toda experiência, seja qual for a natureza e a origem). O acontecimento (quando falamos de acontecimento ‘orientado’) designa uma exigência da representação. A escolha de uma narrativa entre as diferentes narrativas possíveis depende dos posicionamentos da tela, mas ela não afeta o código (o modelo do ‘fazer’) que serve para descrevê-la (MOUILLAUD, 2002, p. 67).

Assim, se inserem os diversos tipos de abordagens possíveis dentro do jornalismo, entre elas, o sensacionalismo, onde as escolhas são focadas em contextos diferentes de um jornalismo que preza, exclusivamente, pela objetividade.

2 Sensacionalismo e Sociedade do Espetáculo

O sensacionalismo por definição é visto como o “uso e efeito de assuntos sensacionais, capazes de causar impacto, de chocar a opinião pública, sem que haja qualquer preocupação

com a veracidade” (SENSACIONALISMO, 2021). Esse significado tem relação também com a opinião de profissionais e da comunidade em geral, reforçando o conceito de um jornalismo “malfeito” e antiético, induzido a exagerar a notícia para além do equilíbrio ideal da objetividade jornalística existente.

Comumente utilizado no jornalismo policial³, a linguagem editorial do sensacionalismo é a do clichê. Normalmente é evitado o distanciamento e a neutralidade, seguindo sempre em busca do envolvimento do público através do choque, no intuito de que as pessoas se entreguem às emoções e vivam com os personagens. (ANGRIMANI 1995, p. 16, 30, 40)

Essa visão popular está diretamente ligada à origem do sensacionalismo, presente desde a consolidação da imprensa na França e Estados Unidos. Entre 1560 e 1631, na França, aparecem os primeiros jornais “Nouvelles Ordinaires” e “Gazette de France”. Estes jornais já podiam ser considerados sensacionalistas, pois veiculavam *fait divers*, termo francês conhecido como as notícias que instigam curiosidade, mas não estão inseridas ou têm relação com a realidade local. São por si autossuficientes. E têm intenção de fazer com que a construção e escolha das palavras aconteça para despertar sentimentos e sensações no receptor (DEJAVITE, 2006, p. 6). Normalmente é utilizada em textos jornalísticos de conteúdo trágico, dramático, policial, sobrenatural e assim por diante.

Da mesma maneira que na origem do sensacionalismo, a presença midiática tem poder de influenciar o telespectador. Wolton defende que o público não pode ser considerado alienado, ele somente é influenciado pelas apresentações televisivas. “[..] o público nunca é passivo ou alienado. Ele pode ser influenciado, principalmente por programas de baixa qualidade, mas falar em alienação suporia a perda do seu livre-arbítrio” (WOLTON, 2003, p. 67). Desta maneira, a cultura do espetáculo se faz cada vez mais presente na mídia contemporânea, dando ainda mais destaque a programas jornalísticos de enfoque espetacular.

A espetacularização é uma das formas de atrair a atenção do telespectador, atuando na produção de sentidos. Guy Debord (1997) define que o espetáculo está se tornando uma mercadoria, que faz com que o espectador crie vínculos com seu cotidiano. O espetáculo é o momento em que a mercadoria ocupou totalmente o espaço da vida social.

Debord caracteriza que o espetáculo “não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediadas por imagens” (DEBORD, 1997, p.14), advindo como resultado

³ Denomina-se jornalismo policial a especialização do repórter nos fatos criminais, judiciais, de segurança pública e, como o nome sugere, em investigações policiais (MEDEIROS, ALVES, MENEZES, 2010, p. 6)

e projeto do capitalismo. Para ele, o espetáculo pode ser considerado como uma forma de sociedade em que a vida real é pobre, limitada e os indivíduos buscam através das imagens o que lhes falta em sua existência real. A realidade torna-se uma imagem, e as imagens tornam-se realidade; a unidade que falta à vida, recupera-se no plano da imagem. É uma questão de identificação: quanto mais o indivíduo contempla, menos vive. Quanto mais aceita reconhecer-se nas imagens dominantes da necessidade, menos compreende sua própria existência e seu próprio desejo.

Debord (1997, p. 46-47) distinguiu primeiro dos tipos de espetáculo: o “difuso” que se caracteriza pela abundância de mercadorias e por uma aparente liberdade de escolha, um tipo “democrático”, e o “concentrado” onde nos regimes totalitários a identificação mágica com a ideologia do poder era imposta para todos para suprir a falta de um real desenvolvimento econômico. Assim o domínio espetacular conseguiu se aperfeiçoar. Nesse sentido, os dois tipos anteriores deram lugar a um tipo único, definido por pelo autor (2012, p. 173) como “o integrado”. Aperfeiçoado através da democracia, remodelou a sociedade segundo a própria imagem. É um totalitarismo fantasiado que consegue falsificar tudo. Inclusive a ponto de se intensificar nas transmissões midiáticas e da televisão.

Assim, os programas espetacularizados já fazem parte do cotidiano da vida humana. Para Debord (1997, p. 19), “à medida que a necessidade se encontra socialmente sonhada, o sonho se torna necessário. O espetáculo é o sonho mau da sociedade moderna aprisionada, que só expressa afinal o seu desejo de dormir. O espetáculo é o guarda desse sonho”.

A espetacularização no meio jornalístico acontece através da soma da notícia com a dramatização. É um produto da indústria cultural, onde mais do que informar, transforma os fatos em espetáculo, o que contribui para ampliar a audiência a ser vendida. Atualmente, Angrimani (1995) aponta que existe sensacionalismo indiferente do tipo de mídia. Essas características estão presentes na mídia de imagem em movimento (TV), imagem sugerida (rádio) e imagem paralisada (jornal).

Nesse sentido, ao comentar sobre a obra de Guy Debord, Juremir Silva (2012, p.13) reforça a televisão como um aspecto da espetacularização e foco exclusivo na imagem. Em sua visão, na televisão tudo está a serviço da imagem, inclusive o imaginário e o fato. Nesse sentido ele esclarece que não é necessariamente o que se diz, ou em quais circunstâncias, mas sim em qual cenário e com quais recursos se diz algo.

É conhecido como sensacionalista - ou popularesco - o gênero que foge aos padrões do jornalismo sério e objetivo. Dessa maneira, quando um jornalista ou veículo utiliza de maneira de divulgação, sendo de imagem, notícia ou texto de forma espalhafatosa, que emocione ou escandalize pode ser considerado jornalismo sensacionalista. Jaime Patias (2005) reforça o conceito, mostrando que na busca pela conquista da informação e pontos no Ibope, a mídia renuncia regras básicas do considerado bom jornalismo, como por exemplo: ouvir todas as partes envolvidas, conferir as informações antes de divulgá-las e não condenar previamente suspeitos ou acusados - rotina comum no jornalismo policial, que o faz um produto sensacionalista.

Em sua pesquisa, Rosa Pedroso (2001) define características que norteiam o discurso sensacionalista, essas também podem ser aplicadas ao telejornalismo.

Intensificação, exagero e heterogeneidade gráfica; valorização da emoção em detrimento da informação; exploração do extraordinário e do vulgar, de forma espetacular e desproporcional; destaque de elementos insignificantes, ambíguos, supérfluos ou sugestivos; subtração de elementos importantes e acréscimo ou invenção de palavras ou fatos; discursividade repetitiva, fechada ou centrada em si mesma, ambígua, motivada, impositiva, despolitizadora, fragmentária unidirecional, vertical, ambivalente, dissimulada, indefinida, substitutiva, deslizante, avaliativa, sedutora; exposição do oculto, mas próximo, produção discursiva sempre na perspectiva trágica, erótica, violenta, ridícula, insólita, grotesca ou fantástica [...] (PEDROSO, 2001, p. 122-123).

Além dessas definições Pedroso (1994) também trouxe características sobre a produção do discurso informativo conhecido como sensacionalista, dividindo-o em tópicos: a) variedade na apresentação gráfica; b) exploração de estereótipos sociais; c) valorização da emoção em detrimento da informação; d) exploração do caráter extraordinário e vulgar dos acontecimentos; e) adequação ideológica às condições culturais, políticas e econômicas das classes populares; f) exploração exacerbada do caráter singular dos acontecimentos; g) destaque do aspecto insignificante e duvidoso dos acontecimentos; h) omissão de aspectos dos acontecimentos; i) acréscimo de aspectos dos acontecimentos; j) discurso informativo de jornais em fase de consolidação econômica e empresarial; l) modelo informativo que torna difusos os limites entre o real e o imaginário.

Angrimani (1994) também traz contribuições nesse sentido, explorando também o sensacionalismo dentro do telejornalismo, objeto principal de estudo neste trabalho. Para ele a edição de um jornal sensacionalista não deve ser a mesma que um jornal analítico-informativo, pelo contrário, deve-se mostrar tudo aquilo que o outro não mostra.

O repórter tem que provocar emoção, precisa narrar a notícia em tom dramático. A edição não pode cortar a imagem da mãe que chora desesperada a morte de seu filho. Ao contrário, deve, de preferência, mostrar o cadáver, ou o sangue no chão (se a reportagem tiver chegado tarde). Quando o repórter do jornal de TV sensacionalista estiver entrevistando, por exemplo, um esturador de menores, não pode igualmente optar pela objetividade e distanciamento. O ideal é assumir o papel de “superego” e ser bastante agressivo com o transgressor, usando o microfone, as imagens e as perguntas como um chicote punitivo (ANGRIMANI, 1994, p. 40).

O autor também defende que um telejornal não-sensacionalista pode apresentar em alguns momentos de sua produção momentos sensacionalistas. Dessa maneira é necessário ter uma visão crítica para perceber quando ocorre a mudança da linguagem objetiva, para a sensacionalista. Nessa mudança de linguagem pode ocorrer o sensacionalismo.

4.0 Telejornalismo

Rezende (2000) ao falar sobre o telejornalismo no Brasil, aponta a importância do papel do jornalismo na sociedade e aborda aspectos críticos relacionados às peculiaridades do estilo e da técnica jornalística na televisão.

O telejornalismo cumpre uma função social e política tão relevante porque atinge um público, em grande parte iletrado ou pouco habituado à leitura, desinteressado pela notícia, mas que tem de vê-la, enquanto espera a novela, em relação aos meios impressos, acontece o contrário: o leitor só lê o que lhe interessa. É justamente por causa desse telespectador que o telejornalismo torna-se mais importante do que se imagina, a ponto de representar a principal forma de democratizar a informação (REZENDE, 2000, p. 24).

Por ter características únicas em comparação com os demais meios de comunicação, porque une som, imagem e uma diferenciada forma na transmissão da informação, Curado aborda aspectos essenciais para a comunicação na TV. São eles: clareza, precisão e imparcialidade (2002, p. 20-22).

A conquista da clareza, da precisão e da imparcialidade depende da prática de um código pessoal de conduta. A ética profissional não pode ser fiscalizada profundamente porque é originada nas intenções de cada um quando apura, escreve ou divulga uma informação; é de foro íntimo e resulta da soma dos valores que cada um de nós preza. Essa é a medida que não define apenas o bom jornalista, mas a pessoa, mesmo quando esta, sorrateiramente, tenta se esconder (CURADO, 2002, p. 22).

A reportagem é um dos principais formatos utilizados no telejornalismo. É o resultado de uma série de etapas de produção na televisão: pauta, apuração, gravação e edição. Além de

ser considerada a principal fonte de matérias exclusivas do meio. O objetivo da reportagem sempre é contar uma história simples, direta, clara, didática, objetiva, equilibrada e isenta (BARBEIRO e LIMA: 2002).

Em geral, o formato reportagem põe o repórter em evidência, narrando um assunto e fazendo entrevistas. Utilizando em todas as categorias, os vários gêneros aplicam o formato reportagem e programas de auditório, de esportes, políticos e educativos. Tem lugar garantido nos programas da categoria informação. A reportagem é um exemplo de formato que pode usar outros, como depoimento, narração em *off* e legendado (SOUZA, 2004, p. 174).

A reportagem televisiva é essencialmente movida pela utilização da imagem, o texto é complementar aquilo que se é mostrado através das lentes. “A reportagem será no conjunto, o espelho da verdade.” (CURADO, 2002, p.21) Tudo isso baseado na escolha de boas fontes⁴, priorizando sempre a fonte original, imagens que retratem e reforcem a informação que deve ser passada e um texto que seja objetivo, claro e não redundante aquilo no que já está expresso nas cenas.

5 Metodologia

O acontecimento em Saudades-SC, ficou conhecido como Ataque em Saudades, foi notícia em diversos veículos de imprensa, rapidamente ganhando repercussão e notoriedade nacional. Os veículos da SBT e Rede Globo realizaram a cobertura pelos diferentes tipos de mídia que compõem as emissoras. Entre elas estão os telejornais: Jornal Nacional, considerado o principal telejornal brasileiro. Exibido desde 1969, é veiculado todas as noites, de segunda-feira a sábado, às 20h30min, com tempo médio de 45 a 60 minutos e traz as principais notícias do Brasil e do mundo. Atualmente é apresentado por William Bonner e Renata Vasconcellos. O SBT Brasil é o principal programa de jornalismo da emissora, com diversidade editorial trazendo as principais notícias do dia. Veiculado de segunda-feira a sábado, às 19h45, com duração de aproximadamente 45 minutos. No momento tem como âncora principal Márcia Dantas e junto na bancada Marcelo Torres.

Para entender de que forma o sensacionalismo pode estar presente em telejornais e reportagens que não tem relação direta com a proposta sensacionalista a partir da análise da

⁴ Fonte é a quem o jornalista recorre para conter a informação. Nilson Lage (2001, p. 65-66) as define em fonte: Primária, aquela em que se encontra o essencial da matéria, por estar próxima ou na origem da informação; secundária, tem envolvimento indireto com o fato, é a fonte que contextualiza, interpreta, comenta ou complementa a matéria jornalística feita a partir da fonte primária. Igualmente é usado na reportagem.

cobertura, como corpus de análise foram selecionadas duas reportagens das principais emissoras do país. Ambas foram veiculadas na noite do dia 4 de maio de 2021, e apresentam detalhes de como o ataque aconteceu, informações das vítimas e do assassino e a repercussão da conduta policial diante do caso.

O material coletado para análise são reportagens veiculadas no dia quatro de maio de 2021, data em que aconteceu a chacina em Saudades. A reportagem do programa SBT Brasil, tem 1m40s e mais 17 segundos junto a cabeça⁵ da reportagem, totalizando 1m57s. A reportagem do Jornal Nacional, tem 2m52s, com mais 11 segundos de cabeça da reportagem, totalizando 3m03s.

5.1 Ataque em Saudades

A primeira semana do mês de maio de 2021 foi marcada por um ataque a uma escola de Educação Infantil em um município com pouco mais de 9 mil habitantes, em Saudades, Santa Catarina. Para contextualizar o fato serão usadas referências de veículos que apuraram o caso. Como fonte principal deste tópico são três reportagens do jornal GaúchaZH, veículo referência para o estado do Rio Grande do Sul.⁶

O ataque ocorreu por volta das 10h, na terça-feira, 5 de maio de 2021. A Escola Infantil Pró-Infância Aquarela foi invadida por um homem de 18 anos, Fabiano Kipper Mai, equipado com um facão de cerca de 80 centímetros e uma faca menor, que utilizou para ferir professoras e crianças. Ao todo foram cinco vítimas fatais do ataque, três delas morreram no local, outras duas foram levadas ao hospital, mas acabaram vindo a óbito. Das vítimas três eram crianças com pouco mais de 1 ano e 6 meses e duas eram funcionárias da escola, sendo uma professora, de 30 anos e outra assistente educacional, de 20 anos. Outra criança também foi gravemente ferida, mas foi levada ao hospital. O assassino tentou cometer suicídio, mas foi detido pelas pessoas e entregue à polícia, depois de receber alta no hospital foi encaminhado ao presídio. O processo de julgamento ainda segue em andamento.

⁵ Cabeça é a fala do apresentador ou do repórter antes da reportagem ser reproduzida. (REZENDE, 2000, p. 148)

⁶ Link de acesso as reportagens: 1) <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2021/05/matador-atacou-creche-na-hora-do-intervalo-do-trabalho-entenda-o-passo-a-passo-do-crime-em-sc-ckobt6c34004x01801eeubm1r.html>; 2) <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2021/05/identificado-jovem-que-matou-cinco-pessoas-em-escola-na-regiao-oeste-de-santa-catarina-ckoacx0xm005n0180zla59ybf.html> 3) <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2021/05/atingido-por-cinco-golpes-de-faca-bebe-que-sobreviveu-ao-ataque-em-escolinha-recupera-se-bem-em-hospital-ckobi5v0n000h0180ubwkybo1.html>

5.2 Critérios de Análise

Nas reportagens será aplicada a análise de conteúdo, através da proposta metodológica de Heloiza Herscovitz (2010), a qual destaca que é possível realizar a análise de dois modos: quantitativamente e/ou qualitativamente. Desta forma, é possível vislumbrar números sobre determinados assuntos e o conteúdo de forma clara e precisa.

Conforme Herscovitz (2010, p. 123) essa metodologia pode ser utilizada para detectar tendências e modelos na análise de critérios de noticiabilidade, enquadramentos e agendamentos, ao passo que serve para descrever e classificar produtos, gêneros e formatos jornalísticos.

Para a autora, a análise de conteúdo jornalístico é definida como:

Método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação (HERSCOVITZ, 2010, p. 126).

Dessa maneira, através da análise de conteúdo, pode-se conferir de forma qualitativa, o quanto os materiais selecionados se enquadram-se nas categorias buscadas. À luz das teorias de Angrimani (1995) e Pedroso (2001) sobre sensacionalismo, foram desenvolvidas as categorias de análise, conforme Quadro 1.

Quadro 1: Categorias de análise

CRITÉRIOS DE ANÁLISE
Exploração de estereótipos sociais;
Valorização da emoção;
Exploração do caráter extraordinário e vulgar; - exagero
Superficialidade: destaque do aspecto insignificante e duvidoso dos acontecimentos;
Omissão de aspectos dos acontecimentos;
Acréscimo de aspectos dos acontecimentos.
O repórter tem que provocar emoção, narrar a notícia em tom dramático.
Valorização da Imagem: Deve, de preferência, mostrar o cadáver ou o sangue no chão.

Fonte: Desenvolvida pelo autor

Os autores não trazem muitas definições específicas do sensacionalismo na televisão, portanto, nem todas as categorias trazidas na base teórica podem ser aplicadas ao formato, dessa maneira serão utilizados apenas as categorias adaptadas dispostas no quadro 1. Ainda como parte da análise, a teoria de Guy Debord (2012) sobre a sociedade do espetáculo, servirá como base para aprofundar a análise no que tange o uso da imagem e estereótipos típicos de uma sociedade em busca do espetáculo.

No estudo, o uso das imagens escolhidas pela edição, o texto, o tom utilizado na narração dos repórteres tanto na cabeça quanto dentro da própria reportagem e as fontes, serão observados para a construção de uma conclusão sobre os aspectos sensacionalistas e a espetacularização presente ou não nas reportagens.

6 Análise

6.1 Reportagem SBT Brasil

Figura 1: Reportagem “Jovem entra em creche armado com espada e mata pelo menos cinco pessoas”



Fonte: Reprodução canal do Youtube SBT News

Na reportagem de Schaina Marcon para o programa SBT Brasil, já pode ser encontrado aspectos sensacionalistas desde a cabeça da reportagem. Ao iniciar a chamada da reportagem, o apresentador Marcelo Torres, contextualiza o fato: “Um jovem, de 18 anos, armado com uma espada invadiu uma creche e matou, pelo menos, cinco pessoas.” Aqui é possível relacionar a presença do exagero, na fala do apresentador, ao chamar a arma branca utilizada no crime de espada, o apresentador tem a intenção de impressionar quem assiste para o fato. No momento seguinte, a apresentadora Márcia Dantas, fala: "Entre os mortos estão três bebês com menos de dois anos, uma professora e uma funcionária da escola, o agressor passou por cirurgia e está internado em estado grave." Pela escolha do texto e do tom utilizado pela apresentadora, pode ser considerada a dramaticidade da âncora em busca da emoção. Ao escolher o termo “bebês”

e reforçar a idade das crianças, a apresentadora incentiva o telespectador a um sentimento de piedade.

Em seguida, a repórter ao falar sobre o ataque contextualiza onde fica o município de Saudades, com o apoio de imagens do mapa do Brasil, onde mostra o estado de Santa Catarina, a localização do município, em meia tela com uma imagem da creche, acompanhada do off: “E chocou os moradores de Saudades, cidade com dez mil habitantes, no oeste de Santa Catarina.” O uso do termo chocou e o fato de trazer a informação da quantidade de habitantes reforça o que o município de Saudades é um local pequeno. Dessa maneira, mais uma vez, encaixa-se a dramaticidade na narração, a valorização da emoção e o exagero através do uso da expressão chocou.

Ao explicar a maneira em que o ataque aconteceu, na edição são reconstituídas as cenas do crime. O tom dramático e sensacionalista acontece, principalmente, por conta da trilha sonora, muito semelhante às usadas em filmes de suspense, em que instiga a angústia de quem assiste a reportagem. Nas imagens não são mostradas cenas com sangue, nem mesmo, atos de agressão, somente recriação dos ambientes e dos personagens no local. O que reflete em um processo de valorização da imagem, levando em consideração principalmente o fato de colocar o telespectador no local do crime

A valorização da imagem também acontece ao mostrar as fotos das vítimas, principalmente, no enfoque dado às três crianças mortas e a imagem - com sangue - do menino em atendimento antes de entrar no helicóptero. A utilização dessas cenas reforça o conceito trazido por Angrimani (1994, p. 40) ao falar da importância da edição no resultado de uma reportagem. A fim de instigar a emoção do público, deve-se sim mostrar as cenas de dor, sofrimento e até mesmo o sangue, aqui aplicados tanto no fato de trazerem imagens de crianças, algo não muito indicado pelas redações dos veículos de comunicação, pois envolve uma série de leis e regras que asseguram esse tipo de veiculação e por trazer imagens com sangue claramente visível nos panos, enquanto os médicos e enfermeiros atendiam a menino.

A seguir, a repórter relata que após o ataque o agressor tentou cometer suicídio. O relato é acompanhado por uma imagem de celular, onde a equipe médica da ambulância entra com o jovem em uma maca em um hospital de Pinhalzinho. O crime, por si, já é de alta repercussão e comoção dos espectadores, tanto pelo fato quanto pelo envolvimento de crianças em uma escola, local considerado seguro pelas famílias e comunidade. Ao abordar a tentativa de suicídio do agressor, a repórter deixa de lado alguns critérios e escolhas comuns nas redações de

jornalismo, principalmente, o fato de não divulgar esse tipo de conteúdo por poder causar incentivo a outras pessoas a tentarem o ato.

A morte voluntária é ainda um grande tabu na sociedade, pode-se lembrar a definição de Émile Durkheim (2016) que afirmava que mortes voluntárias são “contagiosas” por uma tendência inserida em um contexto social, sendo passível de acontecer com indivíduos de alguma maneira próximos, seja essa proximidade geográfica ou exclusivamente social. Nesse caso, é uma dificuldade para o jornalista não expor fatos relevantes, mas existe um acordo entre a imprensa que afirma esse cuidado. Ramos (2007, p.119) defende que uma série de questões éticas, humanitárias e culturais justificam uma rara unanimidade entre os profissionais da imprensa: suicídios não merecem espaço nas páginas, a não ser em determinadas circunstâncias. Aqui, destaca-se o termo “determinadas circunstâncias”, brecha para refletir sobre o posicionamento da repórter em divulgar a tentativa do assassino em tirar a própria vida. alternativa que reforça a grandiosidade do erro do agressor, portanto a tomada de decisão em tirar a própria vida. Neste sentido, é aplicado a valorização da imagem, por utilizar imagens do jovem na maca dando entrada no hospital às pressas. Reflete-se também a onipresença dos meios de comunicação de massa, que reforça somente aspectos superficiais, o que se enquadra na categoria de análise sensacionalistas, de superficialidade, aqui só trazendo o fato da entrada do jovem no hospital, sem trazer informações a mais sobre seu estado de saúde e o atendimento médico.

Em seguida das informações sobre o agressor, entra a gravação da coletiva de imprensa com o delegado Jerônimo Marçal Ferreira, em que ele faz um panorama das características comportamentais do jovem. “Rapaz problemático, né. Relato dessas pessoas para mim. Bullying na escola, ele vinha maltratando alguns animais, muito introspectivo, quietão, na dele, gostava de jogos online, alguns jogos com violência.” Ao olhar para os critérios, é nítido o uso de estereótipos sociais na tentativa de justificar o ataque e enquadrar o agressor em um quadro de “pessoa problemática”. Dessa maneira, a exploração de estereótipos sociais nos leva também a uma definição de superficialidade, que ao expor essa fala específica do delegado, se tenta fazer um pré-julgamento do que motivou o jovem a realizar o ato, que conforme Pedroso (1994, p. 47) que para continuar a seduzir a atenção do leitor é aplicado um texto sugestivo que visa chocar ao invés de informar e, justamente por isso, pessoas são estereotipadas e ações são rotuladas, sem levar em consideração outros aspectos políticos, sociais e socioeconômicos que podem contribuir para uma ação violenta. Prática comum do jornalismo sensacionalista, que

busca não encontrar soluções para os problemas ocasionados, mas sim encontrar culpados e de certa forma, em nome da sociedade, puni-los.

Logo entra a passagem⁷ da repórter Schaina Marcon, trazendo informações sobre as outras professoras que se trancaram em um fraldário junto com outros bebês ao perceberem a situação. A repórter está posicionada na lateral da escola pró-infância Aquarela, no enquadramento da câmera aparece parte da fachada da escola e ao lado um outdoor em homenagem ao dia das mães. O sensacionalismo é baseado na linguagem do clichê que tem intenção de se fundir com a emoção e se entregar a ela. Para Marcondes Filho (1986, p. 18) o que distingue essa fusão dos sentimentos reais, das emoções verdadeiras, é o caráter clichê, que significa que as tristezas, as dores, as lágrimas relembram inconscientemente ao telespectador momentos emocionalmente fortes de sua vida (apud Angrimani, 1995, p.38). A linguagem clichê tem justamente a intenção e é vista como possibilidade de manipulação das pulsões do leitor. Nesse sentido se observa a valorização da emoção em detrimento da informação que ao utilizar a da escola junto ao fundo de dia das mães, traz o tom dramático, e desperta, inconscientemente, no leitor a emoção, ao relacionar através da semiótica a data e a comemoração de dia das mães com a dor daquelas que perderam seus filhos no massacre.

6.2 Reportagem Jornal Nacional:

Figura 2: Reportagem “Homem invade creche em SC com faca e mata três crianças e duas funcionárias”



Fonte: Reprodução site Globoplay

⁷ A passagem é a apresentação do repórter no local de acontecimentos, a função é reforçar informações importantes e a presença do repórter no local da notícia. Paternostro (1897, p.147) define como: Gravação feita pelo repórter no local do acontecimento, com informações, para ser usada no meio da matéria. A passagem reforça a presença do repórter no assunto que ele está cobrindo e, portanto, deve ser gravada no desenrolar do acontecimento.”

A reportagem de Fernanda Moro, inicia com a narração em off apresentando o ocorrido: “A pequena cidade de Saudades, no Oeste de Santa Catarina, viveu um dia de terror.” Na cobertura da narração, aparecem imagens de uma mulher chorando, abraçada a outras duas mulheres, em frente à escola. Ao reforçar o tamanho da cidade e utilizar o enunciado “dia de terror” ao falar sobre o ataque à escola, se reforça a exploração do caráter extraordinário, aparecendo um critério de exagero. Além disso, na cena aparece uma mulher, que para o telespectador, pode-se assimilar que é a mãe de uma criança que chora a morte de um filho e é consolada por outras mulheres. Dessa forma, se encontra a valorização da emoção e do uso da imagem, que conforme Angrimani (1994) uma edição de jornal sensacionalista deve mostrar justamente o que não é mostrado normalmente, a edição não deve cortar a imagem da mãe que chora desesperada a morte de um filho, deve mostrar ainda mais imagens que chocam, o cadáver, ou o sangue no chão.

A seguir, entra o depoimento de uma professora da escola pró-infância Aquarela, que mora em frente a creche e contou o relato do que vivenciou no momento do ataque: “É muita tristeza, eu não tenho nem palavras porque eu perdi colegas, né. Então.” Durante a fala, a professora se emociona e o repórter cinematográfico dá zoom na expressão de tristeza da mulher. Aqui, reforçando, mais uma vez, a valorização da emoção através da imagem e o espetáculo do real, sendo vivenciado pelos telespectadores.

Logo após, a reportagem parte para reconstituição do caso, através de imagens computadorizadas, mostrando no mapa o município de Saudades de cima, e localizando onde fica o centro pró-infância Aquarela. A reconstituição do fato foi montada pela edição com duas imagens gráficas, uma que refaz a cena da chegada do assassino na escola, seguida por uma foto do perito com a arma na dentro do plástico, sem mostrar sangue, em seguida vem a foto da professora Kelly com um fundo azul da escola, após entra a outra imagem gráfica que representa a professora correndo do assassino depois de ferida em direção a sala onde estavam outras crianças e a agente educacional. Depois entram imagens da escola, de flores em frente a escola e por fim o mesmo fundo azul com a foto da escola e as fotos da agente educacional e após as 3 crianças assassinadas. Aqui existe um processo de valorização do real que é reforçado pelo conceito da valorização da imagem que recorre a apelos gráficos, visuais e linguísticos para seduzir o espectador.

Em seguida é comentado sobre a agente educacional, Mirla, que foi socorrida, mas acabou não resistindo, junto ao off aparece outra foto da jovem e da fachada do hospital em que

foi socorrida. Então aparece os familiares de Mirla dando entrevista e lembrando como ela era: “Muito educada, ela tinha muito como prioridade ter as pessoas que ela ama perto. Era uma pessoa muito querida.” Esse aspecto reforça a valorização da emoção, que através do relato da prima da jovem tem intenção de demonstrar que a agente educacional era uma pessoa boa e não merecia ter sua vida tirada, trazendo em pauta novamente a emoção em detrimento da informação e ao refletir sobre a necessidade desse depoimento, senão pelo apelo emocional, pode ser considerado também o aspecto de superficialidade, já que não acrescentou ou alterou o contexto da informação.

Na sequência, a repórter aborda sobre o único sobrevivente do ataque. “O único sobrevivente que estava na sala tem 1 ano e 8 meses, a criança teve cortes no rosto e um pulmão perfurado e passou por uma cirurgia.” Em cobertura a narração em off, apareciam imagens de uma ambulância saindo da rua da escola e do menino em atendimento antes de entrar no helicóptero, envolto de panos cheios de sangue. Aqui se reforça o papel da edição em tornar o conteúdo sensacionalista, e chamar para imagens que mexem com o espectador do outro lado da tela.

Após a reportagem traz a quantidade de estudantes na creche e o relato da mesma professora falando que o agressor teria tentado entrar em outra sala onde as professoras estavam trancadas no fraldário. Nesta parte não foram encontrados elementos que podem ser considerados sensacionalistas ou espetaculares, tanto no texto quanto nas imagens.

Em seguida, entra a passagem da repórter falando sobre a tentativa de suicídio e informações coletadas com a polícia, no enquadramento da câmera aparece a repórter em uma cena noturna, centralizada, e ao fundo a escola pró-infância Aquarela, com uma placa “Heroínas e anjos! Para sempre lembrados.” e rosas brancas penduradas na mesma placa. Aqui se encontra mais um aspecto de valorização da imagem, que em busca de significado, a placa e a escola ao fundo trazem a mensagem de dor disposta a comunidade do município de Saudades.

Em ambas as reportagens não foram encontrados acréscimo de aspectos dos acontecimentos. Em contrapartida, ao fazer uma reflexão sobre o papel da reportagem e do repórter em sua atuação, pode-se considerar que existe uma omissão de aspectos nas duas reportagens. Visto que uma das funções principais do jornalista também é contextualizar o fato através de dados, algo que não apareceu nas reportagens. Faltaram dados de violência nas escolas, possivelmente uma referência a um último ataque, contextualização sobre o aumento de segurança nas escolas e perspectivas que poderiam dar ao espectador um olhar mais

avaliativo sobre a informação. Pedroso (1994, p.44) explica que não é próprio da prática sensacionalista a crítica e a interpretação dos fatos. Mas sim a denúncia da transferência de sentimentos agressivos da sociedade sobre o indivíduo (a personagem do fato) e do sentimento de medo e impotência do indivíduo (leitor ou espectador) diante da sociedade que gera miséria, poluição, desigualdades e, por conseguinte, violência.

A ausência de contextualização abre espaço também para lembrar o conceito de Rodrigues (1993, p. 28) em que aponta exemplos em relação aos acontecimentos, o excesso, o ponto de falha e o ponto da inversão. O fato e as reportagens podem ser enquadrados como o primeiro aspecto o ponto de excesso, o que é visto como uma emergência escandalosa que foge do normal, que foi o caso inesperado do jovem que entrou em uma creche e matou professoras e crianças. Dado o panorama geral dos elementos encontrados nas reportagens, pode-se retomar também as definições de Berger e Tavares (2009, p. 2), a partir do acontecimento do cotidiano, onde a emergência e as afetações do acontecimento acontecem na realidade tangível, de forma crua, se abre espaço para o acontecimento jornalístico, onde através da representação midiática o fato se torna objeto e o acontecimento se monta através da forma que se noticia, ou da linguagem jornalística. Transformando o fato, através da mídia, em uma representação da realidade, composta por elementos subjetividades e intenções da equipe.

Partindo desse aspecto, Angrimani (1995, p.14) traz uma definição que pode ser interessante de retomar aqui. Ele salienta que o envolvimento emocional e o aparecimento do clichê, não é por si só sensacionalista. Um telejornal (ou radiojornal) não-sensacionalista pode mostrar imagens dramáticas (ou relatos) que emocionem as pessoas. Porém todo o processo de tornar a narrativa sensacionalista é um trabalho do posicionamento do repórter e da edição, que ao colocar e escolher a forma que vai contar a história, pode transformá-la em um conteúdo sensacionalista.

Apesar do objetivo deste trabalho não ser traçar uma comparação entre as categorias encontradas em cada reportagem, é importante analisar os principais aspectos presentes nas reportagens. As categorias que mais aparecem em ambas as reportagens são: 1) valorização da emoção 2) superficialidade e 3) valorização da imagem. Aspectos que definem muito bem o fazer sensacionalista. A valorização da emoção é o principal delas, já que o sensacionalismo tem intenção direta de desenvolver sentimentos e sensações no espectador através do clichê, fazendo com que ele se sinta parte da história através do contato com os personagens.

A superficialidade é outra característica forte no sensacionalismo, principalmente, pela busca em julgar e achar culpados de forma rápida e não entender o contexto ou contextualizar fatos externos que possam ter interferido de alguma maneira na realidade. Já a valorização da imagem, para a televisão, é um dos fatores mais importantes tanto no sentido de mostrar o local e a realidade que os normalmente se é cuidada através da objetividade do jornalismo, mas também por conseguir aproximar e incluir ainda mais o espectador como parte da história.

Nesse contexto da valorização da imagem, reforçamos também a sociedade do espetáculo como um aspecto importante que ao aliar a notícia, a dramatização e o uso exacerbado de imagens de imagens que buscam seduzir o espectador, não apenas informar, vai em busca de mostrar a vida e o real de forma com o espectador já não se sinta terceirizado a história, mas que seja assim parte dela, sentindo as dores daqueles que sofrem pelos personagens ou até mesmo se sentindo aliviado, no entendimento de que é outra pessoa no lugar dele. Esse olhar das mídias é um produto advindo da indústria cultural, em que mais do que informar, também transforma os fatos em espetáculo, o que contribui para a busca e aumento da audiência a ser vendida. Ao definir que existe sensacionalismo indiferente do tipo de mídia, Angrimani (1995) reforça também o conceito da realidade em que se vivencia, que de acordo com Debord (1967) é uma realidade rasa, que busca nas imagens o que falta em vida.

Quadro 2: Resultado quantitativo da análise:

CATEGORIAS	REPORTAGEM SBT BRASIL	REPORTAGEM JORNAL NACIONAL	QUANTIDADE DE VEZES QUE APARECE
Exploração de estereótipos sociais	1	0	1
Valorização da emoção	4	3	7
Exagero	1	1	2
Superficialidade	4	3	7
Omissão	1	1	2
Acréscimo	0	0	0
Dramaticidade	3	0	3
Valorização da imagem	3	3	6

Fonte: Elaborado pelo pesquisador

Considerações finais

Partimos da intenção de analisar a cobertura jornalística que foi ao ar no dia do ataque a escola pró-infância Aquarela, no município de Saudades – SC, nas reportagens dos veículos da SBT e Rede Globo, à luz dos conceitos de Sensacionalismo, proposto por Angrimani (1995) e Pedroso (2001), e Sociedade do Espetáculo de Guy Debord (1967), por meio de análise de conteúdo, com base na proposta metodológica de Herscovitz (2010), de forma qualitativa o que resultou nos dados expostos no Quadro 2 e no desenvolvimento deste trabalho.

Nenhum dos dois programas apresenta linha editorial focada ao sensacionalismo, diferente, por exemplo, de programas como balanço geral da Rede Record, Primeiro Impacto da própria SBT ou até mesmo o Linha Direta, antigo programa da Rede Globo. Mas ainda assim, foi possível encontrar características sensacionalistas nas duas reportagens: valorização da emoção, exagero, superficialidade, omissão, dramaticidade e valorização da emoção. A única característica não encontrada foi acréscimo nos aspectos do acontecimento, porque não houve um aumento, nem mesmo a divulgação de informações que não estavam relacionadas exclusivamente ao fato. Nesse sentido, pode-se considerar que apesar de não serem veículos sensacionalistas as reportagens trazem características pertinentes do gênero. O que nos leva a refletir sobre o conceito de Angrimani (1995), em que programas não sensacionalistas podem agir com sensacionalismo, em momentos específicos e durante sua reportagem, reforçando ainda mais a necessidade de uma visão crítica para o que é exposto pelos veículos de comunicação.

Apesar de não ser possível encontrar todos os aspectos sensacionalistas nas reportagens, e elas não serem ao todo reportagens que possam ser consideradas sensacionalistas, ainda há um processo de espetacularização da notícia. Já que o espetáculo pode ser considerado uma forma de sociedade em que a vida real é pobre, limitada e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir as imagens de tudo o que lhes falta em existência real. O que falta à vida se recupera através da imagem. Ou seja, mesmo em momentos destinados à vida, é ainda o espetáculo que se dá a ver e a reproduzir, atingindo um grau mais intenso. Dessa maneira, se põe a prova que o sensacionalismo se enquadra como o tipo de espetáculo difuso, apresentado por Debord, onde o espetáculo vai envolver e encantar o espectador através da ideia de uma liberdade. Além disso, todo o contexto de valorização da imagem, a omissão de aspectos e até mesmo a superficialidade, são características fortes também da espetacularização, visto que

essa também está na fragmentação e na ausência de contextualização da informação, em tornar tudo uma forma superficial de ser consumida.

Conclui-se que mesmo com as características sensacionalistas e de espetacularização da notícia, as reportagens cumprem com o dever da informação, ainda preservando pela verdade, característica difícil de ser encontrada em programas, exclusivamente, sensacionalistas, que muitas vezes em busca do julgamento de primeiro momento, ultrapassam a linha da verdade, colocando em pauta valores não relativos à informação e o fato puramente. O que confirma a ideia de que veículos não-sensacionalistas podem conter sensacionalismo, característica que as vezes passa despercebida aos olhos de quem consome, mas que com um olhar crítico é possível desvendar tais aspectos. Dessa maneira, se entende também a relação com o acontecimento, já que o jornalismo não apenas noticia o acontecimento, como também atua na construção dele, o que exige uma necessidade de representação, no escolher uma narrativa, após coletar as informações. Ou seja, o processo de transformação do real é lapidado e a narrativa também segue a intenção de chamar a atenção do leitor, o que se relaciona diretamente com o sensacionalismo e a experiência da espetacularização da notícia ao tentar fazer com o espectador se sinta parte daquilo que está consumindo.

O estudo contribui para o entendimento de como a notícia e o jornalismo tem se colocado no mercado nos dias de hoje, que a busca pela audiência e a necessidade de “encantar” o espectador, às vezes, faz com que a produção jornalística tome decisões que buscam a espetacularização, com a intenção, justamente, de aproximar quem assiste dos personagens da notícia, fazendo com que a informação possa se tornar parte do real de cada um. Para um maior aprofundamento da cobertura do acontecimento, a visualização de mais aspectos sensacionalistas e da espetacularização da notícia na cobertura em geral, sugere-se a análise de outras reportagens veiculadas pelos mesmos veículos durante a semana, ou no dia posterior ao ataque, quando aconteceu o velório coletivo das funcionárias e das crianças, bem como um possível aprofundamento através da análise de discurso que certamente resultará em mais encadeamentos que poderão ser encaixados nas categorias de análise em estudos futuros.

Referências

BARBEIRO, Paulo Rodolfo de LIMA e Heródoto. *Manual de telejornalismo – os segredos da notícia na tv*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BERGER, Christa; TAVARES, Frederico. *Tipologias do acontecimento jornalístico*. São Paulo: SBPJor – VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2009.

- CURADO, Olga. **A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz Telejornalismo**. Alegro, 2002.
- DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- DEBORD, GUY. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto. 1997
- DEJAVITE, Fábila Angélica. **O poder do fait divers no jornalismo: humor, espetáculo e emoção**. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Campo Grande – MS, 2006.
- GULARTE, Jeniffer. **Matador atacou creche na hora do intervalo do trabalho; entenda o passo a passo do crime em SC**. GaúchaZH, Porto Alegre, 05 mai. 2021. Segurança. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2021/05/matador-atacou-creche-na-hora-do-intervalo-do-trabalho-entenda-o-passo-a-passo-do-crime-em-sc-ckobt6c34004x01801eeubm1r.html>
- HERSCOVITZ, G. H. **Análise de Conteúdo em Jornalismo**. In. LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia. Metodologia da Pesquisa em Jornalismo. Coleção Fazer Jornalismo. Editora Vozes. 2010.
- JORNALISTAS, Federação Nacional. **Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros**. 2007. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 07 jun. de 2021.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MARCON, Schaina. **Jovem entra em creche armado com espada e mata pelo menos cinco pessoas**. SBT Jornalismo, Saudades, 04, mai. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bFqpXzJYv9g>. Acesso em: 31 mai. de 2021
- MATOS, Eduardo. **Identificado jovem que matou cinco pessoas em escola na região oeste de Santa Catarina**. GaúchaZH, Porto Alegre, 04 mai. 2021. Segurança. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2021/05/identificado-jovem-que-matou-cinco-pessoas-em-escola-na-regiao-oeste-de-santa-catarina-ckoacx0xm005n0180zla59ybf.html>
- MORO, Fernanda. **Homem invade creche em SC com faca e mata três crianças e duas funcionárias**. Jornal nacional, Saudades, 04, mai. 2021. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9488594>. Acesso em: 31 mai. 2021
- NASCIMENTO, Solano. **Jornalismo sobre investigações: relações entre o ministério público e a imprensa**. 2007. Repositório UNB. Brasília. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6557/1/Tese_SolanoNascimento.pdf. Acesso em: 02 mai. 2021.
- PATERNOSTRO, Vera. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- PATIAS, Jaime. **O espetáculo da violência no telejornal sensacionalista**. São Paulo, 2005
- PEDROSO, R. Nívea. **Elementos para uma teoria do jornalismo sensacionalista**. Revista de Biblioteconomia e Comunicação (UFRGS) , v. 6, p. 37-50, 1994.
- RAMOS, Silvia. **Mídia e violência: tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Silvia Ramos, Anabela Paiva.- Rio de Janeiro, IUPERJ, 2007.

REBELO, José. **Os acontecimentos mediáticos como actos de palavra**. Revista Científica de Información y Comunicación Número 3, Sevilla, (2006). Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/51396444.pdf>. Acesso: 28 ago. 2021

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O acontecimento**. In: TRAQUINA, Nelson. Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993.

ROSA, Vitor. **Atingido por cinco golpes de faca, bebê que sobreviveu ao ataque em escolinha recupera-se bem em hospital**. GaúchaZH, Porto Alegre, 06 mai. 2021. Segurança. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2021/05/atingido-por-cinco-golpes-de-faca-bebe-que-sobreviveu-ao-ataque-em-escolinha-recupera-se-bem-em-hospital-ckobi5v0n000h0180ubwkybo1.html>

SENSACIONALISMO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sensacionalismo/>. Acesso em: 29/09/2021.

SILVA, Juremir Machado da. **A sociedade midíocre: passagem ao hiperespetacular** (o fim do direito autoral, do livro e da escrita). Porto Alegre: Sulina, 2012.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus Editorial, 2015.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. Porto Alegre: Sulina, 2003.